

# Artigos

Artigos

# Arqueologia do Pantanal do Mato Grosso do Sul - Projeto Corumbá

Pedro Ignácio Schmitz\*  
Jairo Henrique Rogge\*\*  
Marcus Vinicius Beber\*\*  
André Osorio Rosa\*\*

**Resumo:** O projeto Corumbá constrói uma história contínua das populações indígenas que ocuparam o Pantanal nos períodos pré-histórico, colonial e imperial até o advento da República. Num espaço de 5.000 km<sup>2</sup>, ao redor da cidade de Corumbá, a pesquisa arqueológica estuda o estabelecimento das populações canoieiras, que viviam da pesca e da coleta nas áreas alagadiças e o assentamento das populações horticultoras, que se estabeleceram nos terrenos não atingidos pelas cheias anuais do rio Paraguai. A primeira ocupação do Pantanal é de mais de 8.000 anos atrás; o povoamento do mesmo tornou-se denso a partir de 4.400 anos e a cerâmica apareceu 2.200 anos depois, um pouco antes do início da era cristã. Ao tempo da colonização européia viviam na área populações de diferentes troncos lingüísticos.

**Palavras-chave:** Pantanal - povoamento indígena - história.

**Abstract:** The Corumbá Project builds a continuous history of the indigenous populations which occupied the Pantanal in the prehistoric, colonial and imperial periods up to the advent of the Republic. In a space of 5,000 k<sup>2</sup>, around the city of Corumbá, archeological research is studying the establishment of canoe using populations, who lived from fishing and gathering in the swamp areas and the settling of horticulturalists who established themselves on the land not affected by the annual floods of the River Paraguai. The first occupation of the Pantanal took place more than 8,000 years ago; actual settling there became dense within the last 4,400 years and ceramics appeared 2,200 years afterwards, a little before the beginning of the Christian era. At the time of the European colonization, populations of different linguistic origins lived in the area.

**Key words:** Pantanal - indigenous settling - history.

---

\* Bolsista do CNPq. Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS.  
e-mail: anchieta@helios.unisinos.br.

\*\* Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS. e-mail: anchieta@helios.unisinos.br.

## O projeto

O projeto Corumbá originou-se da necessidade de conhecer a história indígena do território brasileiro, cobrindo espaços nunca visitados por arqueólogos. O Pantanal estava entre essas áreas e não tivera nenhuma pesquisa ou levantamento sistemático de sítios.

Também não se conheciam boas descrições das populações indígenas coloniais e da diversidade ambiental que ajudassem a formular hipóteses testáveis ou construir projetos temáticos. Por isso deu-se ao trabalho o caráter de estudo regional, no qual se busca identificar e entender a instalação humana nos ambientes naturais. Os limites do projeto teriam de ser estabelecidos arbitrariamente em função dos recursos humanos e materiais disponíveis e dos apoios logísticos necessários.

Na medida em que o ambiente era a referência básica, o estudo das diferentes formas de assentamento poderia ser a estratégia de organização dos dados, referentes à utilização de recursos, tecnologia para isso disponível, instalação dos estabelecimentos, estrutura da sociedade e imaginário materializado.

Tratava-se, no caso, da construção de um primeiro modelo, suficiente para se entender o espaço trabalhado, testar as áreas vizinhas e, a partir dele, formular projetos temáticos.

Os procedimentos básicos incluem, então, o estudo das estruturas do ambiente, recursos disponíveis e distribuição no espaço; recursos efetiva e hipoteticamente usados e tecnologia empregada; assentamentos produzidos na adequação a espaços e recursos, estrutura social e imaginário presumidos; espaços não ocupados, limites territoriais, relação com populações vizinhas; história da ocupação, continuidade e mudança. Para essa abordagem havia experiências anteriores no centro e no sul do Brasil.

Para a execução foi delimitada, inicialmente, uma área de 20.000 km<sup>2</sup>, tendo como centro a cidade de Corumbá. Após os primeiros trabalhos de campo e uma cobertura completa de fotos aéreas, chegou-se à conclusão de que uma área de 5.000 km<sup>2</sup> seria suficiente. O espaço assim reduzido compreende um trecho do rio Paraguai, grandes lagoas, campos alagadiços e um planalto residual, fenômenos que se encontram repetidos, de forma semelhante, nas áreas eliminadas.

O objetivo global do projeto era criar uma história contínua das populações indígenas, abrangendo os períodos pré-histórico e o colonial/imperial, do começo do povoamento até a República.

O trabalho de campo foi realizado nos meses sem chuva, quando as águas estivessem baixas e a temperatura mais amena, normalmente nos meses de julho e agosto. Esse trabalho foi executado em estágios, não necessariamente sucessivos, porém muitas vezes paralelos.

O primeiro estágio se destinava a conseguir informação sobre os sítios através do contato com os moradores das cidades, das vilas e das fazendas, percorrendo o espaço em várias direções, usando a rede viária.

O segundo estágio foi a localização sistemática de sítios em espaços delimitados. Nos campos alagados pelo rio Abobral foram mapeados os sítios das fazendas de Santa Clara, Santa Helena, Sagrado Coração de Jesus, São Bento; nas florestas da encosta do planalto residual foram percorridos os assentamentos de colonos do Mato Grande e de Maria Coelho e feita a visita a todas as chácaras e fazendas; a inspeção das bordas de todas as rodovias e o levantamento sistemático do trajeto do gasoduto Bolívia-Brasil formaram grandes *transects* em várias direções; houve também um cuidadoso caminhar e inspeção das bacias das grandes lagoas Jacadigo e Negra.

O terceiro estágio foi a identificação dos sítios, o exame de seu conteúdo material e cronologia, através da coleta superficial sistemática, de cortes estratigráficos e de datação por  $C^{14}$  de amostras estratégicas.

O quarto estágio foi a realização de pequenas escavações, em sítios selecionados durante os trabalhos anteriores, para melhorar o conhecimento das camadas de deposição, dos pisos de habitação, das fogueiras, das lixeiras e dos cemitérios. Foi realizada a cópia integral dos petróglifos.

O último estágio foi o estudo exaustivo das populações indígenas históricas e das missões estabelecidas na área, usando a documentação escrita disponível.

O projeto foi executado num convênio entre o Instituto Anchietano de Pesquisas, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos e a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, a partir de 1990. Resultou, até agora, em sete dissertações de mestrado concluídas e uma em

andamento, um amplo relatório publicado, numerosos artigos e comunicações em congressos.

O balanço, feito ao término dos primeiros dez anos, mostrou que os diversos ambientes tinham sido razoavelmente cobertos, os conteúdos e estruturas dos sítios convenientemente recuperados e a história colonial esclarecida, possibilitando a construção de um modelo hipotético da ocupação, a ser testado na continuidade do trabalho, a partir de 2001.

## Os resultados

O regime de precipitações pluviiais na área do projeto é de duas estações: a de verão, chuvosa e a de inverno, seca. O rio também apresenta duas etapas anuais marcadas: a da enchente, que inicia com a intensificação das precipitações e a da vazante, já bem entrada a estiagem. Os ambientes resultantes são basicamente dois: a floresta de transição chaquenha, cobrindo os terrenos altos do planalto residual do Complexo Urucum, conhecido como Morraria, por um lado e, por outro, a vegetação de savana dos campos alagadiços das bordas do rio Paraguai, de seus afluentes e das lagoas permanentes e temporárias que o acompanham.

O planalto residual, com temperaturas mais amenas que as da planície circundante e com ocasionais chuvas de convecção também durante a estação seca, oferecia recursos variáveis, entre os quais destacamos alguns. Suas encostas, íngremes na parte superior, descem em patamares, mais ou menos largos, de terras férteis, regadas por córregos cristalinos e permanentes, cascadeando no meio de uma floresta estacional decídua e semi-decídua, com elementos de savana tropical e estépica. O solo e o clima se prestariam para ocupação por grupos horticultores e o conjunto das morrarias seria suficiente para a instalação de uma tribo, que poderia cultivar nos terraços e no sopé. Para a instalação de caçadores-coletores o ambiente seria demasiado uniforme e falto de recursos e a superfície pequena demais. A mata oferecia madeiras para construção, fabricação de móveis, armas, e canoas e lenha para o fogo. Diversas plantas dão abundantes frutos, porém concentrados estacionalmente: palmeiras bocaiúva (*Acrocomia aculeata*), acuri (*Scheelea phalerata*), tucum (*Bactris glaucescens*),

amendoim-de-bugre (*Sterculea apetala*), genipapo (*Genipa americana*), cactus (*Cereus* sp e *Opuntia* sp), figueiras (*Ficus* sp), gravatás (*Bromelia balansae*). A caça teria certa riqueza em mamíferos como porcos-do-mato, antas, onças, macacos e aves, mas nada comparável à abundância das áreas alagadas.

O Pantanal, ao contrário da mata, é rico e variado, mas é preciso mover-se atrás dos recursos, que estão disponíveis em lugares e momentos diferentes, nas duas estações do ano. Para ter êxito, exige-se uma sociedade de estrutura flexível e que use as facilidades de locomoção oferecidas pela água. Nos corpos e cursos de água existe grande quantidade e variedade de animais: peixes grandes como o jaú, o pintado, o dourado, o pacu, além de numerosas espécies de peixes médios e pequenos; jacarés e tartarugas, grandes serpentes como a sucuri, moluscos aquáticos e crustáceos; vivendo na água, ainda, a capivara, a lontra, a ariranha; nos campos, os veados, o cervo-do-pantanal, o tatu; as aves, como o tuiuiú, a tahã, os colhereiros, as garças e muitos outros. As plantas também oferecem recursos: nas florestas de galeria e nos capões-de-mato existem árvores que produzem madeira para construção, móveis, armas, canoas, lenha para o fogo; a palmeira acuri oferece frutos e grandes folhas, excelente cobertura para moradias; o carandá, das áreas alagadas, proporciona folhas para cestaria; áreas mais secas têm gravatá, genipapo, bocaiúva, cactus. As grandes lagoas e alagados ao longo do rio possibilitam apreciável colheita de arroz nativo (*Oryza latifolia*), que permitia criar reservas para momentos pouco abastecidos. A maior parte das populações que se moviam pelo rio Paraguai ainda faziam intensa exploração da vegetação chaquenha, especialmente do algarrobo, também destinado a reservas estratégicas.

No tempo da enchente, os recursos se encontram nos campos alagados. Os peixes deixaram o leito dos rios e lagoas e foram para as águas rasas. Essas águas se cobrem de aguapés (*Eichornia crassipes*) e nas bases destes vivem os moluscos aquáticos do gênero Pomacea, fáceis de apanhar porque seguros nas suas raízes. Moluscos do gênero Marisa e crustáceos também são abundantes. Os animais dos campos se refugiam nos capões de mato, onde as famílias humanas também acampam; aí estão os ninhais das aves aquáticas, com centenas ou milhares de indivíduos.

Alguns desses recursos vão aparecer mais fortemente concen-

trados na medida em que a vazante completa o ciclo: neste tempo as lagoas temporárias se encolhem até secar, os peixes ficam presos e os jacarés cobrem as margens tomando sol. Nesta época nascem os filhotes das aves nos ninhais. A maior parte dos aterros nos campos fica sem água e as canoas se imobilizam se não forem movidas em tempo para a borda de um rio ou uma grande lagoa, como a Jacadigo ou Negra, ou mesmo a do Mato Grande, onde, a partir de agora, os recursos se vão concentrar. No começo da vazante amadurecem os gravatás, cobrindo de cachos amarelos a borda inferior rochosa da Morraria; ali também amadurece a bocaiúva, o amendoim-de-bugre, o genipapo, o acuri e o cáctus; os peixes abandonam os campos e voltam aos rios e lagoas permanentes, onde são mais fáceis de pegar; os jacarés cobrem suas margens em busca de sol e calor.

Antes de recomeçarem as chuvas, marcando o começo de um novo ciclo, o arroz nativo cobre grandes extensões das lagoas e alagados permanentes com cachos maduros. O algarrobo amadurece no Chaco.

Durante os oito anos de execução da primeira parte do projeto foram descobertos, nesses dois ambientes, 204 sítios arqueológicos e neles se realizaram atividades diversas. 170 sítios estão nas áreas alagadiças e se apresentam como aterros ocupados por indígenas pescadores e coletores de moluscos. 5 sítios, na encosta baixa da Morraria, são lajedos planos e horizontais, cobertos por imensas gravuras. 4 sítios, também na encosta baixa da Morraria, resultaram provavelmente de acampamentos de Guaicuru, do século passado, quando estes usavam o espaço como pasto para os seus rebanhos de cavalos. 2 são ruínas de missões de índios Terena, ali reunidos pelos capuchinhos no século passado. 23 sítios estão na floresta da encosta da Morraria e correspondem a restos de aldeias de indígenas agricultores da tradição cerâmica Tupiguarani.

A síntese produzida com as pesquisas nos sítios apresenta as seguintes informações básicas: a primeira ocupação da área é representada por apenas um sítio na barranca alta do rio Paraguai, na cidade de Ladário. O sítio tem aproximadamente 150 m de diâmetro, um metro de espessura e datações ao redor de 8.200 anos atrás. Trata-se de um assentamento pré-cerâmico, com uma duração entre 150 e 200 anos, de índios canoieiros, voltados para a pesca e a exploração de moluscos aquáticos, utilizando um instrumental de pedra no qual se destacam pequenas bolas, fragmentos e blocos calcários com depressões polidas

ou superfícies alisadas e talhadores rudimentares. É provável que haja outros sítios do mesmo período, nos terrenos ao redor da Morraria, mas que ainda não foram localizados.

Depois de um intervalo de aproximadamente 3.800 anos começa a ocupação sistemática da área alagadiça do Pantanal por populações canoieiras, ligadas também à exploração de recursos da água (moluscos, peixes e répteis) e de terra (mamíferos e plantas). Provavelmente as condições do Pantanal propriamente dito, durante o *ótimo climático* (entre 6.000 e 4.000 anos atrás), ainda impediam ou dificultavam sua ocupação, razão porque a mesma se efetua só no fim desse período climático. Os sítios maiores e com maior densidade de material encontram-se junto à grande lagoa Jacadigo, cercada pela Morraria e sobre diques marginais de corixos e pequenos rios. Existe também grande número de aterros nos campos alagadiços, tanto da margem esquerda como da direita do rio Paraguai. Trata-se de sítios estratificados sob a forma de aterros, que podem atingir até 100 m de diâmetro e 150 cm de altura, facilmente distinguíveis na paisagem por uma vegetação mais alta e mais densa. As camadas superiores contêm cerâmica da tradição Pantanal, sendo as inferiores muitas vezes pré-cerâmicas.

A ocupação pré-cerâmica inicia ao redor de 4.400 anos atrás, ao passo que a cerâmica aparece ao redor de 2.200 anos. Os aterros, formados complementarmente por ação humana e natural, correspondem a estabelecimentos de uma população canoieira, altamente móvel, que deveria usar assentamentos mais estáveis e centrais, com ocupação estável, junto às grandes lagoas e nos diques fluviais, onde os recursos são constantes e acampamentos mais rápidos nos campos alagados, onde só estão disponíveis nos meses da enchente. Nos estabelecimentos centrais a pesca é mais acentuada e a cerâmica é muitíssimo mais abundante; é também nos estabelecimentos centrais que se encontram os sepultamentos, alguns em deposição primária, a maior parte em deposição secundária, em pacotes de até dez indivíduos, atestando que foram trazidos de outros sítios, com certeza de acampamentos estacionais. A relação entre os sítios centrais e os periféricos é uma das questões básicas para a segunda etapa do projeto. Ainda não se conhece a relação entre a ocupação pré-cerâmica e a ceramista, nem entre esta e as populações indígenas coloniais, questões também para a nova etapa. Esta população, bastante grande, a julgar pelos numerosos

e potentes sítios, deveria ser a dona do rio, dos espaços alagados e da periferia chaquenha. Sua cultura é bastante diferente daquelas do planalto brasileiro e parece próxima e relacionada com as do Chaco paraguaio e boliviano.

Os cinco lajedos da borda da Morraria, cobertos com 3.300 m<sup>2</sup> de grandes e profundas gravuras, certamente também pertenciam ao domínio dessas populações e funcionariam como fortalezas rituais na defesa dos indispensáveis recursos das águas, especialmente contra os horticultores que, muito mais tarde, vieram se instalar nas florestas densas, de bons solos, córregos permanentes e chuvas melhor distribuídas da encosta da Morraria.

Estas são populações da tradição cerâmica Tupiguarani, localmente conhecidas como Itatim, que foram missionadas pelos jesuítas ou serviram aos espanhóis nas *encomiendas*. Em tempos pré-coloniais houve contatos tardios, esporádicos, entre os moradores do alagado e da Morraria, mas cada etnia mantinha o seu espaço e a sua forma de vida, dentro do seu ambiente.

Em tempos históricos, além dos Itatim (Guarani), moravam no Pantanal e suas bordas outros grupos indígenas. A ligação deles com os sítios arqueológicos ainda não pode ser estabelecida de forma segura.

Os Xaray, da família lingüística Aruak, bons agricultores, com estruturas sociais complexas e grandes assentamentos, divididos em vários bairros, formavam uma *chefia* ao norte da área do projeto. Eles foram exterminados pelos bandeirantes no século XVIII porque se opunham ao povoamento português de seu território.

Os agricultores Guaná, também conhecidos sob os nomes de Chané, Terena e Laiana, da família lingüística Aruak, ocupariam, como os anteriores, terras não inundáveis; uma parcela deles (uns 2.000) foi assentada, na segunda metade do século XIX, na Missão Nossa Senhora do Bom Conselho do Mato Grande. Descendentes dessas etnias têm suas aldeias, hoje, na borda oriental do Pantanal. Arqueologicamente ainda não os conseguimos identificar fora da missão.

Os Guató, canoieiros pescadores, coletores, caçadores, viviam em aterros e à beira dos grandes lagos, de maneira semelhante aos pré-históricos do projeto. Hoje têm uma reserva junto às grandes lagoas ao norte da área do projeto.

Os Paiaguá, também canoieiros pescadores, coletores, caçadores durante séculos foram os donos do rio Paraguai, desde Assunção e chegando até Cuiabá; poderiam ser os construtores e usuários dos aterros estudados. Também estão extintos desde o século XIX.

Os Guaicuru, inicialmente caçadores e coletores pedestres do Chaco, tornaram-se, depois, caçadores e criadores de cavalos em áreas periféricas do Pantanal. No século XIX tinham assentamentos historicamente conhecidos dentro da área do projeto. Alguns sítios da borda da Morraria certamente correspondem a acampamentos deles, onde, segundo a documentação, estariam apascentando até 2.000 cavalos. Hoje seus descendentes, com o nome de Kadiweu, estão em reservas na borda oriental do Pantanal.

Os resultados do projeto já são consideráveis e correspondem aos objetivos que haviam sido propostos para essa etapa. A segunda etapa propõe-se a preencher as principais lacunas observadas, em termos de território e conteúdo, a testar o modelo produzido dentro da mesma área e expandindo-a mais para o norte e a produzir uma obra de cunho mais divulgatório, buscando uma história contínua das populações indígenas do Pantanal.

## **Bibliografia**

GIRELLI, M. *Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS*. São Leopoldo, 1994. Dissertação (Mestrado) – UNISINOS.

HERBERTS, A. L. *Os Mbayá-Guaicuru: área, assentamento, subsistência e cultura material*. São Leopoldo, 1998. Dissertação (Mestrado) – UNISINOS.

MAGALHÃES, M. L. *Paiaguá: os senhores do rio Paraguai*. São Leopoldo, 1999. Dissertação (Mestrado) – UNISINOS.

OLIVEIRA, J. E. *Os argonautas Guató, aportes para o conhecimento dos assentamentos e da subsistência dos grupos que se estabeleceram nas áreas inundáveis do Pantanal mato-grossense*. Porto Alegre, 1995. Dissertação (Mestrado) – PUC/RS.

PEIXOTO, J. L. S. *A ocupação Tupiguarani na borda oeste do Pantanal sul-mato-grossense: maciço do Urucum*. Porto Alegre, 1955. Dissertação (Mestrado) – PUC/RS.

PEIXOTO, J. L. S.; SCHMITZ, P. I. A missão Nossa Senhora do Bom Conselho. *Pesquisas, História*, 30:133-156, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas/UNISINOS, 1998.

SCHMITZ, P. I., ROGGE; J. H., ROSA; A. O.; BEBER, M. V. Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 54, São Leopoldo, 1998.

SCHUCH, M. E. J. Missões capuchinhas entre os Guaná - sul-mato-grossenses. *Pesquisas, História*, 30:89-131, São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai*. São Leopoldo, 1995. Dissertação (Mestrado) - UNISINOS.



Figura 2: Sítios visitados na proximidade das sedes das fazendas de Santa Clara e Santa Helena.

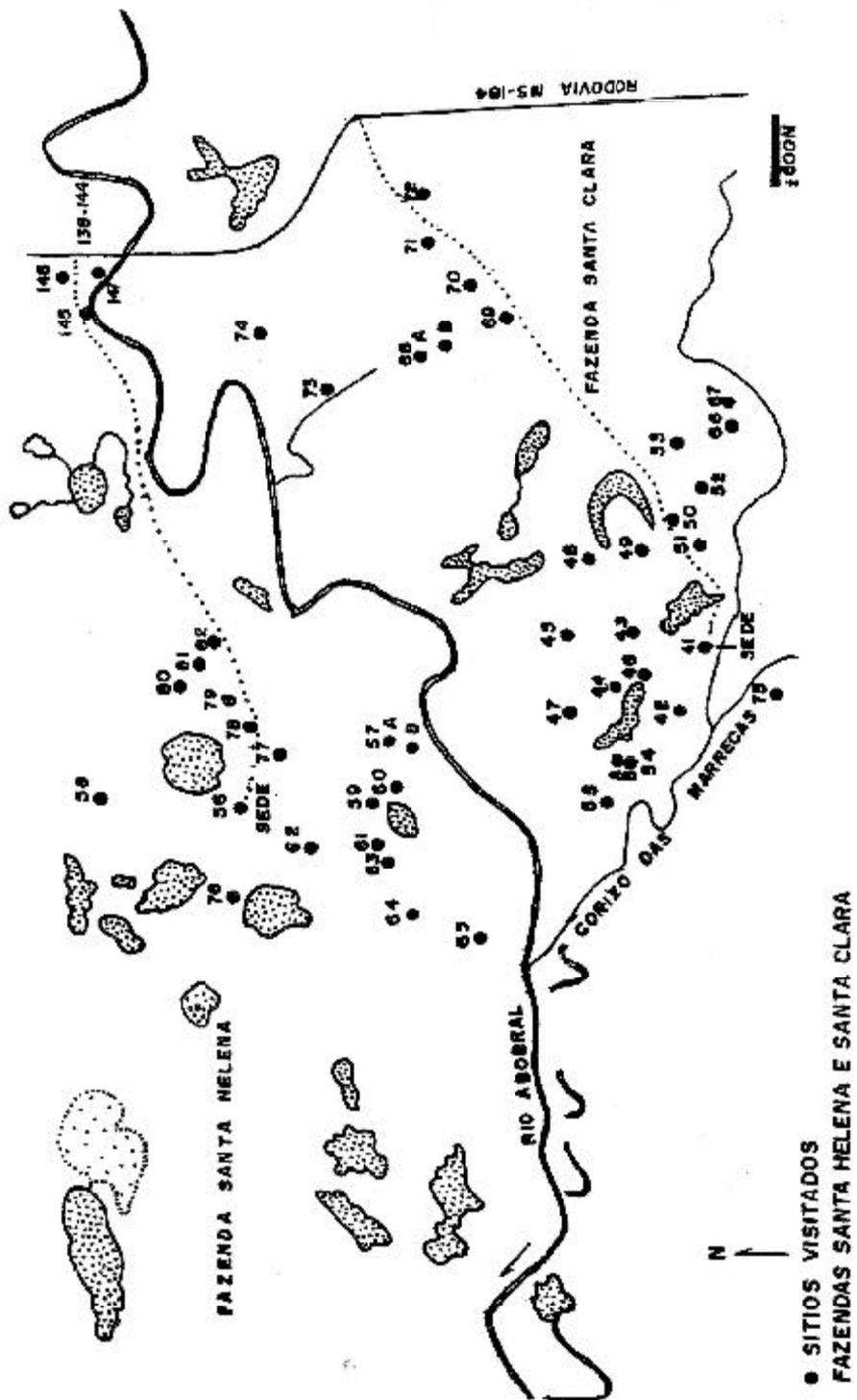


Figura 3: Perfis de um aterro na fazenda Santa Clara.

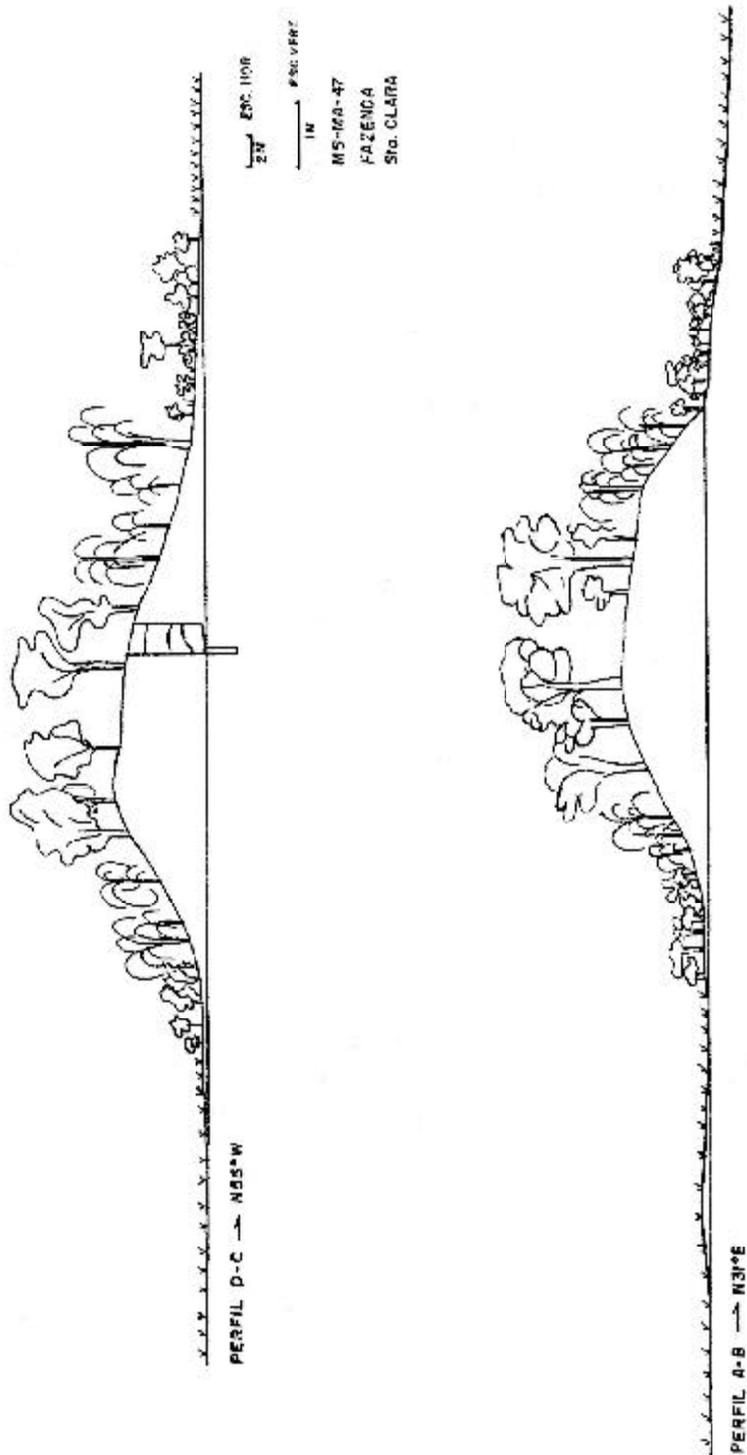


Figura 4: Formas de cerâmica dos sítios do Pantanal.

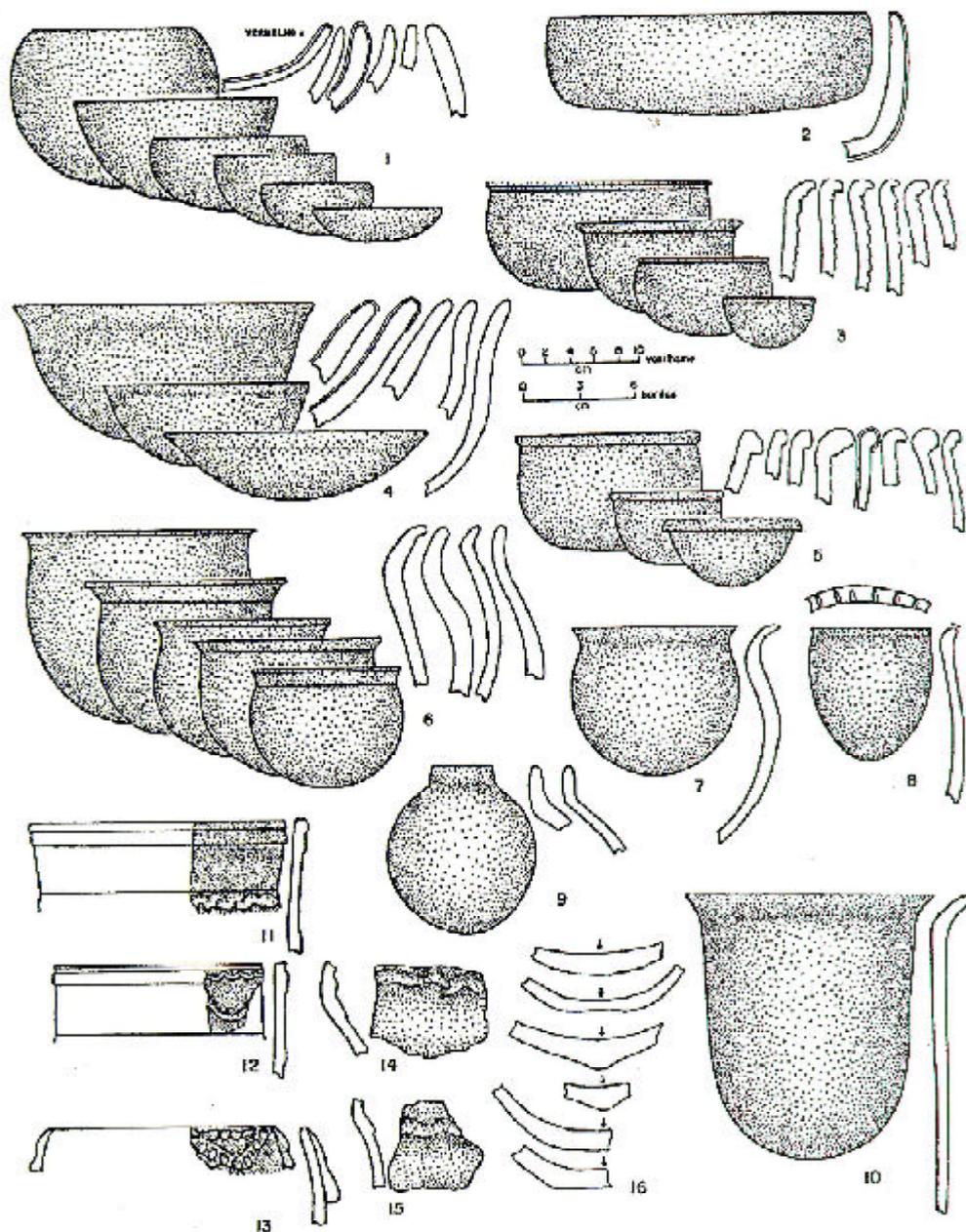


Figura – Formas das vasilhas da fase Pantanal. 1. contorno simples, base convexa; 2. contorno simples, base aplanada; 3. contorno infletido, ângulo igual ou maior que 90°; 4. contorno infletido, ângulo menor que 90°; 5. contorno infletido, borda reforçada; 6. contorno composto; 7, 8, 10. vasilhas altas, contorno infletido; 9. bilha; 11, 12, 14, 15. fragmentos com apliques; 13. fragmento com apêndice e aplique; 16. bases.

Figura 5: Cópia reduzida de uma pequena parte das gravuras da Fazenda Figueirinha.

